

DESAFIOS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM ALUNOS DA EJA

Márcio do Nascimento Pereira¹

Diego de Sena Silva²

Mary Cidia Monteiro Sousa Costa³

Ivana Protácio dos Santos⁴

Mayrhon José Abrantes Farias⁵

Juciléa Neres Ferreira⁶

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo realizar um diagnóstico do ensino da Educação Física, no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), fazendo o levantamento do modo como vêm sendo realizadas as aulas, os desafios e dificuldades das práticas pedagógicas nesse programa, na cidade de Santa Inês - MA. Este estudo é uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, para compreensão das falas dos professores de Educação Física, no contexto da EJA. Para isso, foram realizadas visitas e entrevistas a seis professores, responsáveis pela disciplina de Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, em quatro escolas da rede municipal. Os resultados revelaram que a prática da disciplina Educação Física no EJA enfrenta diversos desafios, sendo o principal deles a falta de frequência dos alunos; a desmotivação destes; a estrutura inadequada para a realização das aulas de educação física; falta de equipamentos e materiais esportivos adequados; além de não haver incentivo por parte da Gestão escolar. Constatamos que a pesquisa apontou para a necessidade de investimentos em qualificação e atualização profissional, especialmente em conteúdos voltados para a Educação de Jovens e Adultos, espaços e materiais adequados para realização das aulas, e um maior envolvimento dos gestores escolares para promover um ambiente mais motivador e acolhedor para os alunos da EJA. Além disso, destacou-se a importância de estratégias pedagógicas inovadoras que considerem as particularidades e necessidades dos estudantes adultos.

Palavras-chave: Educação Física, Educação de Jovens e Adultos, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Educar no Brasil nunca foi tarefa simples. Educar-se, então, é ainda mais complexo. Desde a sua gênese, a educação brasileira privilegia uns em detrimento de outros, entretanto é coerente reconhecer que os sistemas educacionais evoluíram muito nas duas últimas décadas, com o poder público se fazendo mais presente na vida da população por meio de programas e

¹ Graduado do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, marcio.voc.pereira@gmail.com;

² Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, diego.sena@discente.ufma.br;

³ Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, mary.cidia@discente.ufma.br;

⁴ Graduada do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, ivenspro.21@gmail.com;

⁵ Doutor em Educação Física pelo Programa de Pós-graduação da Universidade de Brasília (PPGEF/UnB) - UnB, mayrhon.farias@ufma.br

⁶ Professora orientadora: Doutora em Ciências na área de Enfermagem e Saúde Pública – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, jucilea.neres@ufma.br

ISSN: 2358-8829

projetos educativos que visam contemplar as classes excluídas durante praticamente os primeiros cinco séculos da civilização brasileira.

A educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil surgiu em resposta à necessidade de incluir pessoas que, por diversos motivos, não tiveram acesso ou não puderam concluir seus estudos em idade regular. Seu desenvolvimento remonta ao período colonial, mas se consolidou ao longo do século XX, com marcos históricos e legislativos que impulsionaram sua formalização e expansão.

No início do século XX, iniciativas isoladas começaram a se preocupar com a alfabetização de adultos, principalmente em regiões rurais. Entre as décadas de 1930 e 1940, o tema ganhou força com movimentos como a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, lançada pelo então ministro da Educação, Gustavo Capanema. Em 1947, o educador Paulo Freire trouxe uma abordagem inovadora, fundamentada no diálogo e na conscientização dos alunos, que ficou conhecida como o Método Paulo Freire, um marco importante na história da EJA no Brasil.

Na década de 1960, o governo brasileiro criou programas de alfabetização e educação para adultos, como o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), instituído em 1967 durante o regime militar, que visava reduzir o analfabetismo no país. Embora tenha sido um dos maiores programas do gênero, o MOBRAL foi criticado por seu enfoque tecnicista e pouco crítico.

Com a promulgação da Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a educação passou a ser um direito de todos, e a EJA começou a se estruturar como parte integrante do sistema educacional brasileiro. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, consolidou o direito à educação de jovens e adultos, destacando a responsabilidade do Estado em oferecer oportunidades para que essa população tenha a chance de adquirir conhecimentos e obter a certificação de conclusão dos estudos, seja no nível fundamental ou médio.

Compreender e atender às necessidades dos alunos da EJA é um desafio constante para os professores, especialmente no que diz respeito à prática do componente curricular Educação Física (EF), haja vista que esta desempenha um papel fundamental na formação integral dos indivíduos, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades motoras, sociabilidade, autonomia e consciência corporal. No entanto, quando se trata desse público, é necessário considerar particularidades que podem influenciar a participação e o engajamento dos alunos nas aulas de EF.

À vista disso, esta pesquisa objetivou realizar um diagnóstico do ensino da EF, no

ISSN: 2358-8829

contexto da EJA, fazendo o levantamento do modo como vêm sendo realizadas as aulas, os desafios e dificuldades das práticas pedagógicas nesse programa, na cidade de Santa Inês – MA, justificando-se pela clara evidência de que a EF está presente em todas as áreas do ensino e da vida, seja no âmbito profissional ou pessoal, por intermédio dos benefícios que promove para o corpo e a mente.

METODOLOGIA

Este estudo é uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, para compreensão das falas dos professores de EF, no contexto da EJA. Para isso, foram realizadas visitas e entrevistas a seis professores, responsáveis pela disciplina na EJA, em quatro escolas da rede municipal da cidade de Santa Inês - MA. Além disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para compreendermos, a partir da produção científica e das categorias analíticas (Gil, 2008) e de campo (Minayo, 2016), à luz do método hermenêutico-dialético, as falas desses professores.

Ao realizar a coleta de dados, os sujeitos avaliados foram informados sobre o significado, a importância e os objetivos do estudo, e as dúvidas foram esclarecidas. Os professores responderam ao questionário no local onde estavam ministrando suas aulas, seja na quadra ou na sala. O tempo médio para responder foi de cerca de 15 minutos.

O questionário constou as seguintes perguntas: 1. Quais são os principais desafios enfrentados ao ensinar EF para alunos do EJA? 2. Quais são as dificuldades mais comuns encontradas nas aulas de EF para os alunos do EJA? 3. Qual é o impacto das aulas de EF na vida dos alunos do EJA? 4. Quais são as estratégias pedagógicas mais eficientes para ensinar EF para os alunos do EJA? 5. Como lidar com possíveis barreiras físicas e emocionais dos alunos do EJA durante as aulas de EF? 6. Quais são os benefícios das aulas de EF para os alunos do EJA? 7. Como envolver os alunos do EJA nas aulas de EF de forma motivadora e engajadora? 8. Quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos professores na EJA em relação à EF? 9. Como adaptar as aulas de EF para atender às necessidades específicas dos alunos do EJA?

Para a análise dos dados coletados, adotamos uma abordagem descritiva, conforme estabelecida por Gil (2008), ao afirmar que a finalidade principal das pesquisas descritivas é elucidar as características de uma população ou fenômeno específico, além de identificar as relações entre as variáveis envolvidas. Assim sendo, as entrevistas semiestruturadas foram examinadas a partir da técnica de análise de conteúdo categorial por temática (Bardin, 2011). A referida técnica permitiu estruturar o estudo a partir de categorias empíricas e analíticas.

ISSN: 2358-8829

A pesquisa foi realizada, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com a Resolução nº 580/18, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), em vigor em todo território nacional (Brasil, 2018), sendo garantida a confidencialidade das informações, protegendo os participantes e assegurando o bem-estar de cada um.

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir da década de 1960, a EJA passou a ganhar maior visibilidade, impulsionada por movimentos sociais e políticas públicas voltadas para a democratização do acesso à educação no país. Foi nesse contexto que a LDB, de 1961, reconhece a EJA como uma modalidade educacional específica destinada a pessoas que não tiveram acesso à educação na idade regular, com a criação das chamadas "escolas noturnas" para adultos trabalhadores que não podiam frequentar as aulas no período diurno.

Dentro desse cenário, a inserção da EF na EJA representou um desafio, pois, historicamente, era considerada menos prioritária em comparação com as disciplinas tradicionais, como português e matemática, no ensino voltado para os adultos. Sua introdução ocorreu de forma gradual ao longo do século XX, com maior consolidação a partir das décadas de 1980 e 1990.

No entanto, a partir da LDB, de 1996 (Brasil, 1996), a EF passou a ser reconhecida como um componente obrigatório da educação básica, abrangendo também a EJA. Segundo Catellani (*apud* Corrêa; Moro, 2004, p. 42):

A obrigatoriedade da Educação Física tem seu marco no parecer nº 224 de 1882, de Ruy Barbosa. [...]. A Educação Física obrigatória é regulamentada pelo decreto nº 64.459/71, que estende a sua obrigatoriedade a todos os níveis de ensino e a caracteriza como uma atividade desportiva e recreativa escolar. Assim, a inclusão da Educação Física na escola é dada por lei.

Conforme a LDB, a EF deve fazer parte da formação integral do indivíduo, considerando aspectos físicos, cognitivos e sociais, promovendo a saúde e a interação social (Brasil, 1996). Na EJA, o foco da disciplina não se limita ao desenvolvimento físico, mas também contribui para a inclusão social e a promoção de habilidades interpessoais, essenciais para o público dessa modalidade, que muitas vezes enfrenta exclusão social e desafios econômicos.

Adicionalmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2017, reforça a importância da EF como meio de garantir uma educação integral que atenda às especificidades dos alunos da EJA, promovendo o desenvolvimento de práticas corporais e uma

Entretanto, um dos desafios da implementação da EF na EJA é a adaptação das atividades às particularidades dos alunos, por serem adultos, com históricos diversos e muitas vezes experiências negativas com a escola tradicional, sendo necessário que os professores tenham sensibilidade pedagógica para adaptar as práticas às realidades dos estudantes. Isso inclui considerar limitações físicas, interesses e o nível de condicionamento físico dos alunos, propondo atividades inclusivas e motivadoras.

Santos (2022) aponta que a disciplina tem um potencial transformador, especialmente para um público que, muitas vezes, já sofreu processos de exclusão e estigmatização, reforçando a relevância da disciplina na EJA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao ensinar EF para alunos da EJA, os professores depararam-se com diversos desafios que diferem dos encontrados no ensino regular, possuindo alunos em faixas etárias diversas e com realidades de vida distintas.

Ao serem questionados sobre os principais desafios que enfrentam ao ensinar EF para o público da EJA, 50% dos professores entrevistados responderam a falta de frequência dos alunos, 35% apontaram a desmotivação dos alunos, 10% responderam a falta de estrutura na escola e 5% indicaram ausência de incentivo por parte da gestão.

Oliveira e Soares (2021), destacam que a frequência irregular dos alunos na EJA está associada a fatores socioeconômicos, como a necessidade de conciliar trabalho e estudo, questões familiares e pessoais, que comprometem a continuidade escolar e dificultam a participação nas aulas de EF, que muitas vezes é vista como menos prioritária. A desmotivação, pode ser gerada quando os alunos não enxergam que as atividades são significativas para sua realidade ou não se sentem competentes nas práticas. Oliveira et al. (2021) sugerem que estratégias pedagógicas mais inclusivas, que conectem os conteúdos às vivências dos alunos, podem reverter esse quadro. A falta de estrutura escolar reflete uma carência de espaços adequados para a prática de atividades físicas frequente em muitas escolas brasileiras, como apontado por Lima e Silva (2019), limitando as possibilidades de atividades diversificadas, afetando diretamente a qualidade das aulas. A ausência de incentivo por parte da gestão escolar é outro fator crítico, pois a gestão escolar é fundamental para fornecer suporte aos docentes e promover um ambiente educacional mais acolhedor e eficiente (Menezes, 2018). A falta de políticas institucionais que incentivem práticas pedagógicas inovadoras ou recursos adequados

compromete o desenvolvimento pleno da EF na EJA.

Quanto às dificuldades mais comuns encontradas nas aulas de EF para os alunos do EJA, 50% dos professores relataram a falta de material, 30% apontaram a motivação dos alunos, enquanto os outros 20% indicaram adaptação deles.

A escassez de recursos reflete um problema comum nas escolas públicas brasileiras, destacado por Lima e Silva (2019), que argumentam que a falta de materiais limita as práticas pedagógicas diversificadas, afetando a qualidade das aulas e inclusão dos alunos nas atividades. A baixa motivação dos estudantes pode ser analisada sob a ótica da Teoria da Autodeterminação (Deci e Ryan, 2017), que sugere que a motivação é diretamente influenciada pela percepção de autonomia, competência e relevância das atividades para a vida dos alunos. Quando as aulas de EF não dialogam com as realidades e interesses dos estudantes da EJA, que geralmente concorrem com obrigações de trabalho e vida familiar, a desmotivação tende a aumentar. A adaptação dos alunos é um desafio importante, pois muitos estudantes da EJA possuem limitações físicas ou já estão afastados do ambiente escolar há anos. Santos e Almeida (2020), apontam que adaptar as atividades para esses alunos requer práticas pedagógicas diferenciadas, que considerem suas condições físicas e a diversidade de habilidades, evitando a sensação de exclusão, exacerbando a desmotivação e a dificuldade de participação.

Quando perguntados sobre qual é o impacto das aulas de EF na vida dos alunos do EJA, 40% responderam ser um momento de integração, 30% responderam aprimorar o condicionamento físico, 20% dos entrevistados responderam ser um momento de descontração e 10% responderam proporcionar autoconhecimento.

Esses resultados apontam para múltiplas funções da disciplina no contexto da EJA, atendendo tanto a necessidades sociais quanto físicas e emocionais. A integração social proporcionada pela EF, promove a interação entre alunos de diferentes idades e contextos sociais. Segundo Oliveira e Soares (2021), a socialização em espaços educativos é fundamental para aumentar os laços comunitários e o sentimento de pertencimento, especialmente em contextos de jovens e adultos que, muitas vezes, enfrentam isolamento devido à exclusão escolar e ao trabalho. O aprimoramento do condicionamento físico reforça o papel da EF na promoção da saúde e bem-estar. De acordo com Santos e Almeida (2020), atividades físicas regulares na EJA podem melhorar a saúde cardiovascular e muscular, contribuindo para a qualidade de vida desses alunos, que podem estar em situações de vulnerabilidade social e com pouca prática de atividades físicas fora da escola. A descontração evidencia o caráter lúdico das aulas, essencial para aliviar o estresse e a pressão do cotidiano dos alunos. Conforme Freitas et al. (2019), a EF oferece um espaço de relaxamento e alívio da tensão para os estudantes da EJA,

ISSN: 2358-8829

muitos dos quais lidam com uma rotina exaustiva de trabalho e estudo. Por fim, o autoconhecimento, mostra como a prática de atividades físicas pode contribuir para o desenvolvimento da autoestima e autoconsciência. Lima e Silva (2019) afirmam que a EF permite aos alunos conhecerem melhor seus limites e capacidades, o que é crucial para a construção de uma identidade mais positiva e autônoma.

Na pergunta, quais são as estratégias pedagógicas mais eficientes para ensinar EF para os alunos do EJA? 50% dos professores entrevistados responderam que era orientações através de palestras, 30% indicaram a atividade física na prática e 20% responderam aulas teóricas.

Essas respostas incidem na necessidade de abordagens diversificadas que levem em consideração as especificidades dos alunos da EJA, como suas experiências anteriores e a conciliação entre trabalho e estudo. A predominância das palestras como estratégia pedagógica pode ser explicada pelo caráter informativo e formativo dessas atividades. Segundo Oliveira e Soares (2021), palestras quando bem contextualizadas, permitem aos alunos compreenderem a importância da prática física para a saúde e qualidade de vida, além de abordarem questões como autocuidado e bem-estar. Essas orientações podem ajudar a suprir lacunas de conhecimento sobre saúde que muitos alunos da EJA apresentam, uma vez que boa parte deles teve educação formal interrompida. As atividades práticas, mencionadas são essenciais para engajar os alunos de forma ativa, permitindo que experimentem o que aprendem de forma concreta. Santos e Almeida (2020) afirmam que, o aprendizado ativo, em que o aluno participa das atividades físicas, estimula o engajamento e facilita a assimilação de habilidades motoras. Os alunos da EJA, muitas vezes têm um dia a dia desgastante, essas atividades podem ainda servir como um alívio do estresse e uma forma de melhorar o condicionamento físico. Enfim, as aulas teóricas indicadas, permitem aos alunos refletirem sobre os conceitos de saúde, corpo e bem-estar de maneira crítica. Lima e Silva (2019) argumentam que esse tipo de aula é importante para integrar os conhecimentos práticos com fundamentos teóricos, ajudando a desenvolver a capacidade crítica dos estudantes sobre os benefícios e desafios da prática de atividades físicas. Esses dados sugerem que a combinação de abordagens diversificadas, que incluem palestras, atividades práticas e aulas teóricas, pode ser a estratégia mais eficiente para ensinar EF na EJA.

Quando questionados sobre como lidar com possíveis barreiras físicas e emocionais dos alunos do EJA, durante as aulas de EF, todos os entrevistados (100%) foram unânimes em responder que era por meio do incentivo e motivação aos estudantes.

Essa unanimidade reflete a importância de estratégias pedagógicas que considerem o contexto específico desses estudantes. A Teoria da Autodeterminação, proposta por Deci e

ISSN: 2358-8829

Ryan (2017), explica que a motivação é fundamental para o engajamento em atividades físicas e acadêmicas. Segundo essa teoria, três fatores básicos devem ser atendidos para que haja motivação intrínseca: autonomia, competência e pertencimento. Quando os professores incentivam os alunos e os motivam, eles estão criando um ambiente em que esses três aspectos são valorizados, o que pode reduzir as barreiras emocionais e físicas enfrentadas pelos alunos. O incentivo, como prática pedagógica, também atua como uma forma de criar uma atmosfera de suporte emocional, essencial para o público da EJA, que muitas vezes enfrenta barreiras psicológicas ligadas ao fracasso escolar ou a situações de exclusão social. Oliveira e Soares (2021) destacam que alunos adultos tendem a se sentir inseguros diante das exigências físicas e intelectuais do ambiente escolar, e o papel do professor é fundamental para reverter essa sensação, proporcionando confiança e segurança para que os alunos se sintam capazes de participar das atividades. Portanto, o uso do incentivo e da motivação como estratégia central, alinhado a práticas pedagógicas que respeitem a individualidade dos alunos, é uma abordagem eficaz para lidar com as barreiras físicas e emocionais dos estudantes da EJA, contribuindo para seu engajamento e desenvolvimento.

Sobre os benefícios das aulas de EF para os alunos do EJA, 50% apontaram a socialização e 50% responderam a melhoria do condicionamento.

A socialização e a melhoria do condicionamento associados, evidenciam o papel fundamental da EF na EJA, haja vista combinar não só o bem-estar físico dos alunos, mas também seu desenvolvimento social e emocional, fortalecendo o engajamento com o processo educativo. Para além da melhoria do condicionamento físico, a prática regular melhora o bem-estar geral, reduz o estresse e proporciona ganhos em termos de mobilidade, força e resistência, fatores importantes para a qualidade de vida, especialmente para estudantes mais velhos. Quanto à socialização nas aulas, permite a construção de vínculos, o que melhora a autoestima e a motivação dos estudantes.

Todos os pesquisados (100%) ao responder à pergunta, como envolver os alunos do EJA nas aulas de EF de forma motivadora e engajadora?, apontaram para aulas de diferentes aspectos e dinâmicas.

Oliveira e Soares (2021) argumentam que a inclusão de diversas dinâmicas, como jogos, práticas individuais e em grupo, e momentos de reflexão teórica, é essencial para criar um ambiente de aprendizado que respeite as particularidades dos alunos da EJA. A flexibilidade nas atividades permite que cada aluno encontre formas de participar que se ajustem às suas capacidades físicas, emocionais e cognitivas, o que é crucial para manter o interesse e o envolvimento em longo prazo. Santos e Almeida (2020) também destacam que ao variar as

ISSN: 2358-8829

dinâmicas, os professores podem associar os conteúdos às vivências diárias dos alunos, tornando as aulas mais significativas e relevantes. Isso é especialmente importante no contexto da EJA, cujo estudantes muitas vezes enfrentam múltiplos desafios, como trabalho exaustivo e responsabilidades familiares, o que pode diminuir o engajamento nas aulas.

Os professores, ao responderem sobre quais as principais dificuldades enfrentadas na EJA em relação à EF, foram unânimes (100%) em afirmar a infrequência dos alunos nas aulas.

A baixa frequência está ligada a uma série de fatores que impactam a vida dos alunos, como as demandas de trabalho, responsabilidades familiares, cansaço e problemas de saúde, os quais dificultam a participação regular nas atividades escolares. Segundo Oliveira e Soares (2021), muitos alunos da EJA têm que conciliar o estudo com longas jornadas de trabalho e outras obrigações, o que gera sobrecarga física e mental, prejudicando a frequência às aulas. Para melhorar a frequência, os professores precisam trabalhar com abordagens que conectem o conteúdo das aulas à vida cotidiana dos alunos, demonstrando a importância das atividades físicas para a saúde e bem-estar, pensando de forma a promover maior flexibilidade e inclusão, adaptando a aula à realidade dos alunos para aumentar sua participação e engajamento.

E por fim, ao serem questionados sobre como adaptar as aulas de EF para atender às necessidades específicas dos alunos do EJA, 30% responderam a necessidade de conhecer os alunos; 25% afirmaram a necessidade de adaptação de materiais pedagógicos; 20% apontam a necessidade de momentos de descontração e 10% responderam apropriação conhecimento na área.

Essa diversidade de respostas revela a complexidade de trabalhar com o público da EJA, que é marcado por grande heterogeneidade de perfis, idades e experiências de vida. A necessidade de conhecer os alunos é a estratégia mais citada, e faz sentido nesse contexto, onde as realidades pessoais dos estudantes influenciam diretamente sua motivação e capacidade de participar das atividades escolares. De acordo com Oliveira e Soares (2021), o professor precisa conhecer bem os alunos para poder adaptar as atividades de forma personalizada, aumentando o engajamento e a frequência. A adaptação dos materiais pedagógicos, segundo Santos e Almeida (2020), é necessário pois, apontam que muitos estudantes não possuem a mesma condição física ou preparo que os alunos mais jovens, o que exige adaptações nos equipamentos e nas atividades propostas. Isso inclui o uso de materiais alternativos ou atividades mais leves, que promovam a inclusão e respeitem as limitações dos alunos. Os momentos de descontração são vistos como essenciais para criar um ambiente de aprendizado mais agradável e acolhedor, permitindo que os alunos relaxem e fortaleçam os vínculos com colegas e professores, criando um clima de maior pertencimento e, isso pode ser alcançado através de atividades mais leves e

ISSN: 2358-8829

descontraídas, especialmente para um público adulto que enfrenta o estresse da rotina de trabalho e estudo. A apropriação do conhecimento na área, destacando a necessidade de que os alunos compreendam a importância da Educação Física para sua saúde e qualidade de vida, reforça o valor das aulas teóricas dentro do planejamento pedagógico, conforme Lima e Silva (2019), pois permite que os estudantes reflitam criticamente sobre a prática física e incorporem esses aprendizados em sua rotina diária.

Esses resultados revelaram um panorama geral do ensino da EF na EJA em Santa Inês - MA, mostrando a necessidade de investimentos na infraestrutura das escolas, nos materiais utilizados, no desenvolvimento de metodologias inclusivas e motivacionais, em qualificação e atualização profissional, além da parceria por parte da Gestão Escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que a pesquisa apontou para a necessidade de investimentos em qualificação e atualização profissional, especialmente em conteúdos voltados para a Educação de Jovens e Adultos, espaços e materiais adequados para realização das aulas, e um maior envolvimento dos gestores escolares para promover um ambiente mais motivador e acolhedor para os alunos da EJA. Além disso, ficou destacado a importância de estratégias pedagógicas inovadoras que considerem as particularidades e necessidades dos estudantes adultos.

A Educação Física na EJA, com uma abordagem pedagógica flexível e inclusiva, indica que, quando bem executada, pode desempenhar um papel importante tanto para a saúde quanto para a inclusão social dos estudantes. Para tanto, é necessário um esforço conjunto entre as escolas, os gestores educacionais, os professores e políticas públicas que incentivem a participação contínua dos alunos.

Em suma, propomos que, para enfrentar os desafios identificados na pesquisa sobre a Educação Física na EJA nas escolas de Santa Inês - MA, algumas estratégias sejam colocadas em prática, como conexão entre a prática física e a vida cotidiana, a criação de espaços de diálogo e acolhimento, oferecimento de incentivos institucionais e formação continuada de professores. Essas estratégias são fundamentais para garantir que a Educação Física cumpra seu papel de promover saúde, bem-estar e inclusão social entre os alunos da EJA.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

ISSN: 2358-8829

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 18 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n.º 580, de 22 de março de 2018.** Aprova diretrizes para o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun. 2018. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2018/Reso580.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

CORRÊA, I.; MORO, R. **Educação Física Escolar:** reflexão e ação curricular. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

DECI, E. L., RYAN, R. M. **Self-determination theory:** Basic psychological needs in motivation, development, and wellness. New York: The Guilford Press, 2017.

FREITAS, P. R.; COSTA, J. S.; MENEZES, A. L. A Educação Física como espaço de descontração e alívio de tensões na EJA. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, v. 14, n. 2, p. 77-89, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnica de pesquisa social.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, P. R., SILVA, J. F. Desafios e perspectivas para a Educação Física na EJA: Um estudo sobre infraestrutura e motivação. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, 25(2), 45-60, 2019.

MENEZES, L. C. O papel da gestão escolar no suporte à Educação Física: Análise de políticas e práticas institucionais. **Revista Gestão Escolar e Práticas Educativas**, 6(1), 33-47, 2018.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.
OLIVEIRA, A. M., SOARES, D. S. Frequência e desmotivação na EJA: Desafios da Educação Física no contexto da juventude trabalhadora. **Revista Brasileira de Educação e Sociedade**, 10(3), 87-101, 2021.

OLIVEIRA, M. S., RIBEIRO, J. P., CASTRO, L. G. Práticas pedagógicas inclusivas em Educação Física: Conexão entre conteúdo e realidade dos alunos da EJA. **Revista de Práticas Educativas Inclusivas**, 8(1), 55-72, 2021.

SANTOS, L. B. A educação física escolar como prática de promoção da saúde na educação de jovens e adultos - EJA. **Revista Brasileira De Reabilitação E Atividade Física**, 9(2), 16–21, 2022. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/rbraf/article/view/701>. Acessado em 10 abr. 2023.

SANTOS, L. F.; ALMEIDA, M. R. Práticas pedagógicas adaptadas em Educação Física para



ISSN: 2358-8829

alunos da EJA. **Revista de Educação Física e Inclusão**, v. 12, n. 1, p. 25-38, 2020.